

VISÃO**Visão do Residente de Pneumologia***Fábio Kunita de Amorim¹*

Inimaginável o início de uma doença insólita que se alastraria açodadamente arrasando todo o planeta. O papel dos serviços de saúde e especificamente dos médicos pneumologistas e seus demais colegas se tornou mais inequívoco do que nunca.

Como aprendizes da especialidade, os residentes de pneumologia se depararam com uma oportunidade ímpar de combater antagonista feroz.

Nos tornamos escudos da população de risco (leiga e perita), enfrentando o inimigo diuturnamente sob a sombra permanente de contaminação - nossa e de nossos familiares.

A adversidade expôs as fragilidades da necessidade de protocolos e evidências. Como deter algo inédito? Durante a busca por soluções, eventualmente o risco de malefício surgiu ao extrapolarmos informações de modo generalizado: seria a cloroquina de hoje a aspirina de 101 anos atrás? O que aprendemos?

O cotidiano nas unidades especializadas serviu de aprendizado não apenas no manejo de pacientes críticos, mas também no incremento da nossa diligência frente à impotência inerente às limitações da medicina atual. Através de exaustivas horas com pesado equipamento, tal qual guerreiros antigos portando escudos, só que de rosto; lanças, mas em forma de medicamentos; além de armaduras forjadas de tecido impermeável, de valentia e perseverança.

Em adição ao ambiente hospitalar, o contexto da pandemia aliado à demanda por isolamento social explicitou a necessidade do Homem por calor humano, exemplo à proliferação de transtornos mentais e espirituais. A necessidade por interação se refletiu em inúmeras vídeo-chamadas realizadas para alentar nossos laços através de conferências, psicoterapia ou para ver o sorriso e lágrimas de nossos filhos e pais.

O residente de pneumologia vem testemunhando as mais diversas atitudes: União entre equipes, discussões acaloradas sobre o destino ao doente; comunidades outras resistindo a mudanças de comportamento higiênico-social, comunidades se unindo para auxiliar os necessitados; incontáveis mortes de pacientes graves e ainda mais numerosas recuperações de demais pacientes; medo entranhado nos profissionais, mas também altruísmo de outros mais.

Dada a dualidade do ser humano, o legado da pandemia dependerá unicamente da forma como lidaremos com ela e de nossa capacidade de aprender com os erros e acertos, do mesmo modo como enfrentamos nossas vidas.

1. R1 de Pneumologia do Instituto de Doenças do Tórax (IDT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).